



## Sobre o falocentrismo

(ou Notas de psicanálise, sexo e política, primeira parte)

Vieira. M. A. Sobre o falocentrismo (ou Notas de psicanálise, sexo e política, primeira parte). AMPBlog. Disponível em < <https://ugbarwapol.com/sobre-o-falocentrismo-ou-notas-de-psicanalise-sexo-e-politica-primeira-parte-marcus-andre-vieira-ebp/>>

**Marcus André Vieira**

### Resumo

O que é falocentrismo? O que é falo? E porque falam em queda do patriarcado e do falocentrismo se por todo lado só há mais e mais gente falando grosso? A psicanálise é falocêntrica? Freud sim, Lacan não? Porque os psicanalistas são quase sempre de classe-média-branca-no-poder?

Pode ser que nossa programação, genética ou cultural como queiram, defina possíveis e impossíveis para o prazer. Isso não significa, porém, que nela esteja igualmente definida uma identidade de gênero estanque. É exatamente esse o ponto em torno do qual gira o preconceito contra o falocentrismo freudiano, feito de puro mal-entendido. Freud descreveu o modo como o sexual se organizava em sua época, destacando o falo como base dessa organização. As identidades padrão, em sua cultura, se definiam em um continuum que ia do “ter o falo” em um polo a “ser o complemento ideal de quem tem” em outro, o homem de verdade e a mulher de valor por trás de seu sucesso. Seu movimento, porém, era o de indicar como uma análise agia a partir do fracasso dessa identificação, virava-a do avesso. Entendeu-se o contrário, que ele visava a apologia e restauração da identidade fálica.

Quero retomar os pontos principais do debate. Achei melhor recapitular seus pressupostos sob a forma de proposições conceituais afirmativas, de aparência dogmática. Tomem-nas bem mais como pontos sujeitos à discussão, os que mais ressaíram do debate de uma comunidade de psicanalistas, a nossa, reunida sob a expressão “orientação lacaniana”. A lista, vocês verão, tem o aspecto de uma “ascensão e queda” do falo (ele é sempre assim), mas, sobretudo, quer

---

♦ Esse texto retoma o essencial de minha fala na abertura do [XXII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano](#), A queda do falocentrismo – consequências para a psicanálise, Rio de Janeiro, Novembro de 2018.

apontar para o próprio da psicanálise lacaniana que ex-siste ao falo, existe fora, mas insiste de dentro, e que seguirá sua lida com o real da psicanálise com ou sem falocentrismo.

### **1. O falo é uma imagem de completude**

Toma-se uma parte do corpo que de vez em quando se enrijece e dá prazer e o órgão é fixado em sua ereção. O pênis, extraído da natureza do corpo, passa a ser colocado, dessa forma, em totens, vasos etc. Torna-se o falo. A vida que sacudia ocasionalmente esse órgão, agora está totalizada. É o falo do corpo dos deuses, eternamente ereto, imaginário. Portanto, que fique claro: o falo nunca foi o pênis, ele é apenas o pênis “bem na foto”.

### **2. O falo é um operador de negatização**

Freud destacou ainda que a ideia de um falo ereto em permanência tem efeito paradoxal sobre os que nele creem. Como os órgãos na realidade quotidiana nunca estão o tempo todo nesse estado serão marcados por uma falta que Freud chamou castração e Lacan formalizou como uma lei geral de negatividade. A castração nada tem a ver com mutilação, mas com o fato de que nunca se é infalível como, por exemplo, nos filmes pornô. A crença de que esse falo ereto existe tem efeito sobre todos os corpos, mortais, que dela partilha, o de um indexador de negatização. É o que desenvolve Lacan em seu *Seminário 10* em torno do tema da tumescência e detumescência do órgão.

### **3. O falo é por natureza ambíguo**

Completude ou negatividade? Falo imaginário ou falo simbólico? Falo positivo, poderoso ou falo em seus efeitos, significante da falta, do desejo? É impressionante como todos só tem olhos para o primeiro, mas são, na verdade, inseparáveis. Foram necessários Freud e depois Lacan para tornar claro o segundo aspecto, de negatização do gozo (o que não quer dizer que eles o tenham promovido como via correta para a sexualidade).

### **4. O falo é um operador de partilha**

A crença no falo distribui ainda essa negatividade de maneira binária. Uns acreditarão tê-lo no corpo, ao alcance da mão, serão os ditos masculinos. Não é tão bom quanto parece. Estes, mais que ninguém, sentirão que o deles não é isso tudo, que à diferença do falo imaginário dos deuses, o deles costuma estar flácido e apenas de vez em quando ereto e por isso serão para sempre assombrados com o medo do fracasso. Outros serão levados a crer que não o têm, que aquela coisinha que fazia sua felicidade masturbatória infantil era um engano, que precisariam, para gozar, passar por outro corpo. Esse outro modo de negatização fálica em seus corpos, mais explícito, levará, porém, a um gozo bem menos limitado quando encontrado. Sem medo de perder o que já não têm, esses seres serão mais intensamente “tudo ou nada”. Serão ditas e feitas mulheres. O falo (em seu aspecto simbólico, lógico) é um distribuidor de negatividade de modo complementar.

### **5. Falocentrismo é assumir que apenas o pênis pode ser o falo**

Só os que tem pênis podem ser machos? Podem ser reconhecidos por esse misto de ação e covardia que caracterizaria a masculinidade? Freud já dizia que não. Basta ter a certeza de que

se tem o gozo ao alcance da mão, graças a um complexo jogo de identificações e interdições que Freud chamou de complexo (de castração e de Édipo) para sentir e agir seu corpo ao modo masculino. O mesmo vale para os seres que se identificarão como femininos, mesmo tendo pênis, pois a orientação sexual não se define com relação ao órgão, mas à premissa fálica. Uma sociedade se estabiliza solidamente dessa forma fazendo do binarismo fálico, como diz Lacan, um modelo adaptativo para o desenvolvimento da espécie. É porque essa distribuição binária funciona como a piada da aeromoça que propõe ao passageiro jantar. Ele pergunta “quais minhas opções?” e ela responde “Sim ou não”. Parece pobre, e é, mas por isso mesmo estável.

O problema é tomar essas duas identidades de base como sendo naturais e universais, como se só pudesse haver outras possibilidades de satisfação fora do binarismo edípico a não ser em termos de patologia ou desvio. É esse o centro da *equação falocêntrica*, o da superposição pênis e falo em uma só e mesma entidade, garantida pela evocação de uma divina natureza, biologia ou bíblia. Seria da natureza do homem ter acesso direto ao poder e ao gozar e da mulher um acesso indireto e seria da natureza das coisas que só houvesse esses dois tipos de formas de vida sexuada, a masculina e a feminina.



### **Mas...**

Nos últimos tempos o falocentrismo foi seriamente abalado. A evidente ressurgência de discursos radicais visando um poder fálico em todo mundo parece desmentir esse abalo. Ela não poderia atestar, como propõe o psicanalista E. Laurent, exatamente uma reação a ele? Nesse sentido, ela ratifica que houve abalo e justificaria amplamente o termo *reacionário*, no caso do Brasil, como exigência embrutecida de restauração da ordem fálica, hoje no poder. Porque a ordem patriarcal foi tão abalada? Muitas e muitas causas poderiam ser evocadas, que tal essas duas? Por um lado, a reprodução assistida esvazia a necessidade da cultura de sacralizar a diferença macho e fêmea, o que leva a um abalo na função da família como sede da diferença binária entre sexos. Por outro, o *Google*, como paradigma de um novo modo de relação com o saber, infinitamente ali e infinitamente disponível, esvazia a necessidade da diferença de gerações para que o saber da experiência acumulado por uma geração possa ser transmitido à outra. Por essas razões ou por outras o fato é que “pai e mãe” e “homem e mulher” deixam de ser vitais para a sobrevivência da espécie. Não foi culpa do PT.

Como ficam falo, falocentrismo, democracia e a psicanálise nesse contexto?

(continua)



## Falo, paranoia e bricolagem

(ou Notas de psicanálise, sexo e política, segunda parte)

Vieira. M. A. Falo, paranoia e bricolagem (ou Notas de psicanálise, sexo e política, segunda parte) AMPBlog. Disponível em <<https://uqbarwapol.com/falo-paranoia-e-bricolagem-marcus-andre-vieira-ebp/>>

Marcus André Vieira

A equação falocêntrica é a superposição pênis e falo, como uma só e mesma entidade, garantida pela evocação de um terceiro elemento: a natureza, a biologia, ou a bíblia. Seria da natureza do homem ter acesso direto ao poder e ao gozar e da mulher um acesso indireto e seria da natureza das coisas que só houvesse esses dois tipos de formas de vida sexuada, o masculino e o feminino.

Nos últimos tempos o falocentrismo foi seriamente abalado. A evidente ressurgência de discursos radicais visando um poder fálico em todo mundo parece desmentir esse abalo. Ela não poderia atestar, como propõe o psicanalista E. Laurent, exatamente uma reação a ele? Nesse sentido, ela ratifica que houve abalo e justificaria amplamente o termo *reacionário*, no caso do Brasil, como exigência embrutecida de restauração da ordem fálica, hoje no poder.

Porque a ordem patriarcal foi tão abalada? Muitas e muitas causas poderiam ser evocadas, que tal essas duas? Por um lado, a reprodução assistida esvazia a necessidade da cultura de sacralizar a diferença macho e fêmea, o que leva a um abalo na função da família como sede da diferença binária entre sexos. Por outro, o *Google*, como paradigma de um novo modo de relação com o saber, infinitamente ali e infinitamente disponível, esvazia a necessidade da diferença de gerações para que o saber da experiência acumulado por uma geração possa ser transmitido à outra. Por essas razões ou por outras o fato é que “pai e mãe” e “homem e mulher” deixam de ser vitais para a sobrevivência da espécie. Não foi culpa de nenhuma esquerda ou estudo de gênero.

Como ficam falo, falocentrismo, democracia e a psicanálise nesse contexto? Seguem mais cinco proposições que completam nossa lista de roteiro notas para um ensaio de Psicanálise, sexo e política, iniciadas anteriormente.

### 6. Há vida fora da partilha fálica do prazer e do poder

Começam a explodir gêneros, composições novas. Em vez de “sim” ou “não”, distribuindo a falta de dois modos complementares, surgem explorações, variações, combinações. Em lugar de um poder central excluindo os ininteligíveis para as margens e legislando sobre a vida, uma galáxia de particularidades de baixa coesão, instáveis, tensionadas, ganham cada vez mais expressão no tecido sexual e social. Essa descrição, se transposta para um plano mais geral, talvez pudesse simplesmente ser chamada de *democracia radical*, como propuseram Laclau e

---

♦ Esse texto retoma o essencial de minha fala na abertura do [XXII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano](#), A queda do falocentrismo – consequências para a psicanálise, Rio de Janeiro, Novembro de 2018.

Mouffe. Nesse caso, as identidades e suas novas composições precisarão contar com contratos e acordos para coexistirem e para definirem consensos ou hegemonias, pois fundam uniões mais instáveis que estáveis.

### **7. O gozo do falo deixa de ser negatividade e torna-se paranoide**

Dada essa explosão de galáxias e tribos, a tribo fálica poderia ter ficado como apenas uma entre outras, o falo seria apenas uma possibilidade de gozo entre outras, com todo seu valor. Não foi o que aconteceu. Os crentes do falo mudaram de status. Antes, eram cômicos, porque de alguma maneira, aqui e ali, via-se como nem tudo da vida podia ser recoberto, saturado pelo falo. É o que desenvolve Lacan em seu *Seminário 5* com Molière e Genet.

Um falo em permanente ereção fazia rir, agora não. Reunindo-se ao mais imaginário da religião (Deus acima de todos) e à boataria das redes, nessa inflação imaginária dobrada, espalha-se um regime de crença que só se entende quando abordado a partir do que Lacan desenvolveu sobre a psicose. Basta lembrar: onde foram parar os sujeitos divididos à época das eleições? Como entender aquela certeza inabalável diante das mais evidentes evidências, irrefutável, senão assim?

Diz-se que se trata de uma recusa da diferença. É dizer pouco, pois seria preciso dizer qual diferença é recusada. Melhor afirmar que é uma recusa de tudo o que não for inteligível, tudo o que é não-lugar, que é sem utilidade direta. Não se trata de excluir alguém, de jogá-lo no lixo de um regime universal, de um “Nós, o Todo, menos ele”. Trata-se mais de um “Tudo o que não seja nós, não existe”. Nesse sentido, não é uma recusa e sim uma lógica de extermínio.

### **8. Uma análise vai na contramão da falicização do ego**

Quem precisa de identidade estável é o ego. A cultura falocêntrica propõe duas formas básicas para ela. A eurocêntrica, tem proposto algumas outras mais (57 gêneros no *facebook* americano). Seja como for, do ponto de vista de Freud, haverá sempre uma principal para a coesão do eu. Freud nunca propôs que ela devesse ser necessariamente fálica. O essencial é que o analista trabalhe com o inconsciente que é o reino de fixações libidinais polimorfas, sem gênero. Uma análise é se expor à multiplicidade libinal do inconsciente para reconfigurar a unidade do ego.

### **9. Uma análise anda melhor em meio à diversidade.**

Uma análise promove e floresce, nos termos de Lacan no *Seminário 11*, na vigência da “diferença absoluta”. Não de uma diferença relativa, entre graus de melanina ou de estrogênio e testosterona, mas da própria ideia de que há que haver diferenças. A psicanálise está do lado da diversidade porque lida com as múltiplas fixações libidinais que constituem o inconsciente. Do sexual como lugar da inscrição do múltiplo, polimorfo, variante, o que Lacan formalizou como *nãotodo*. Há um erotismo do não todo? Do que não se regula pelo falo? Sim! É esse que promove o contágio que sustenta a psicanálise, como peste, até hoje. A psicanálise não é conquistadora, mas contagiante.

### **10. A psicanálise está, por razões estruturais, do lado da democracia**

Não é obrigatório para que uma análise aconteça o estado democrático de direito, de um “para todos” da constituição, de um “ninguém está acima da constituição” (com Deus só correndo por fora). Sabemos que a psicanálise já sobreviveu a uma ditadura. Uma análise que não tome a descrição freudiana da sexuação fálica como ideal floresce bem neste meio, já que

ela é uma espécie de laboratório de democracia no plano individual.<sup>1</sup> Tensões, conflitos, pactuações, não é o que ocorre entre as pulsões do inconsciente e o eu no âmbito do aparato psíquico?

### **Bricolagem**

Nessa clínica sairão, do saco sem fundo do inconsciente, lembranças inesperadas, fragmentos de sensações e sentimentos que se compõem ao modo da bricolagem, ou na expressão de Lacan, de uma colagem surrealista forjando uma coesão artesanal em lugar do enlace “de fábrica” patriarcal. É uma clínica do enodamento, do *sinthoma*, da constelação de uns sozinhos. Ela inclui não apenas montagens, gambiarras e geringonças mais ou menos artísticas, mas também nomeação. Um dizer que nomeia o não existente, o que a bricolagem traz ao mundo sem localizar.

Resta querer que nossos filhos possam andar à rua, que seus desejos possam se juntar com outros, que o desejo de Freud nos leve além da massa de paranoia para um tempo em que o ego aceite a contingência do desejo em vez de querer fixá-la. Precisamos contar com os *quereres* que cruzam a cidade. Eles seguem em desassossego, promovem ocupações, movimentos *slow*, saraus, intervenções, gozos *trans*, se encantam com os ininteligíveis, ignoram os *likes*, vibram com a comunidade da comunidade sem exército, dão artes de sobrevida a nossos jovens negros em tempos de genocídio. Por que não teria a psicanálise lugar nestes espaços?



---

<sup>1</sup> Agradeço a Sidi Askofaré pela precisa formulação em discussão no XIII Simpósio de Psicanálise do Depto de Psicanálise da UERJ : *A Psicanálise e os Paradoxos da Política da Diferença* (<https://www.cepuerj.uerj.br/cursos2.php?tipo=eventos&curso=S04999&ano=2018>)